

Viver e pensar São Paulo e Cidade do México: uma introdução

Fraya Frehse e Ana Rosas Mantecón



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3052>

DOI: 10.4000/pontourbe.3052

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Fraya Frehse e Ana Rosas Mantecón, « Viver e pensar São Paulo e Cidade do México: uma introdução », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3052> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3052

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Viver e pensar São Paulo e Cidade do México: uma introdução

Fraya Frehse and Ana Rosas Mantecón

- ¹ Que diferenças e semelhanças socioculturais entre São Paulo e a Cidade do México vêm à tona quando tais megacidades são contempladas pelo prisma de trajetórias de pesquisa sobre cada uma dessas cidades que trazem como particularidade metodológica uma forte inspiração qualitativa? Eis a questão que este dossiê busca responder à luz das reflexões de sete antropólogos e sociólogos, respectivamente da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidad Autónoma Metropolitana (Unidade Iztapalapa - UAM-Iztapalapa), reunidos em função do Simpósio Internacional “São Paulo encontra Ciudad de México: Estudos urbanos em diálogo”, que ocorreu em novembro de 2012 na Casa Galván, centro cultural da Universidad num bairro do centro da Cidade do México, com patrocínio da Embaixada do Brasil no México, da Câmara de Comércio México-Brasil e da própria UAM-Iztapalapa.¹ Durante dois dias o evento congregou pesquisadores urbanos brasileiros e mexicanos dedicados ao estudo de São Paulo e da Cidade do México por meio de abordagens cuja visada qualitativa, mais ou menos explicitamente etnográfica, vem sendo moldada por suas trajetórias pessoais e investigativas em cada uma das duas cidades. A proposta foi de que tais pesquisadores relacionassem justamente suas experiências de pesquisa particulares sobre as duas cidades com características socioculturais que ali enxergam nesta segunda década de século XXI.
- ² Não é nova a ideia de promover encontros brasileiro-mexicanos nas áreas de antropologia e sociologia. Se nos restringirmos apenas a iniciativas mais recentes, cabe ressaltar que em dezembro de 2015, por exemplo, cientistas sociais mexicanos e brasileiros debateram na Universidade de São Paulo “as ciências sociais” em ambos os países². Dois meses antes, antropólogos de ambos os países se uniram em Guadalajara para concretizar um terceiro encontro “México-Brasil” em torno de perspectivas comparativas sobre temas variados relativos à realidade social e política de ambos os países, entre outros as próprias dinâmicas sociais no espaço urbano.³ Quase simultaneamente à realização do Simpósio do qual este dossiê é resultado, arquitetos e sociólogos da USP e do

Colegio de México se encontraram no Instituto de Estudos Avançados da primeira instituição para dar início a um projeto comparativo sobre ambas as cidades em torno das temáticas da segregação, da habitação e dos serviços urbanos, da violência e dos direitos humanos, da pobreza e dos movimentos sociais, das políticas públicas e do meio ambiente.⁴ Enfim, em sentido parcialmente análogo, antropólogos dos dois países se encontraram na Cidade do México um ano antes, a fim de debater temas relacionados à história da disciplina cá e lá, mas também migrações, direitos humanos, formação da nação e relação com o Estado, gênero e sexualidade, violência, movimentos sociais, identidades e culturas nacionais.⁵

- ³ De todo modo, há especificidades na proposta de diálogo que originou o Simpósio de que este dossiê é fruto. O que importava para nós era instigar uma reflexão conjunta sobre *como* viver e trabalhar em São Paulo ou na Cidade do México, sendo cientista social dedicado profissionalmente a investigar sociológica e/ou antropológicamente justamente uma ou outra dessas urbes, reverbera no tipo de abordagem sociológica ou antropológica que acerca de tais contextos que produzimos. Tudo isso assumindo como base de comparação o fato de estarmos respectivamente em face das duas maiores megacidades da América Latina; que suas áreas metropolitanas são as que mais se aproximam em termos demográficos na região, e mesmo no planeta, com seus cerca de 21 milhões de habitantes, respectivamente (United Nations 2015:91); e que essas duas afinidades quantitativas vão de mãos dadas com um passado colonial e escravista ibérico que, marcado fortemente pela miscigenação entre brancos e índios, foi engolfado por uma modernidade que deve muito ao ritmo acelerado como urbanização e industrialização ali se expressaram em termos espaciais, a partir do final do século XIX. Isso sem mencionar que, por tudo isso e muito mais, se trata de urbes que contam com enormes desigualdades e desequilíbrios entre e dentro de centros e periferias. Ora, essas são variáveis de natureza demográfica, temporal e espacial que, conjugadas, consideramos um desafio instigante para cientistas sociais com trajetórias investigativas de natureza qualitativa acerca de cada uma das duas cidades. O quanto será que a maneira de cada um refletir com a ajuda de etnografia, de pesquisa documental, de entrevistas qualitativas etc. sobre a “sua” realidade urbana deve a um dia a dia vivido em meio a e em face de tanta gente social e culturalmente tão diversa espalhada por um espaço urbano historicamente multitemporal?
- ⁴ Articulando “trajetória de vida intelectual” com “cidade”, a questão escapa às tendências mais comuns das ciências sociais dedicadas ao pensamento intelectual no Brasil (Bastos e Botelho 2010:476-477). Menos do que o vínculo que tal ou qual trajetória investigativa acerca de São Paulo ou da Cidade do México nutre com o contexto histórico e social mais amplo que envolve a produção intelectual dos sete autores que colaboraram neste dossiê, interessa o dia a dia de morador e/ou de pesquisador de cada um em sua cidade. A pergunta abre espaço investigativo, assim, para os contornos socioculturais de certo senso comum urbano, por assim dizer, dos cientistas sociais dedicados à pesquisa acadêmica sobre São Paulo ou o “DF” – como é carinhosamente apelidada por seus moradores a Cidade do México, o “*Districto Federal*”. Referimo-nos a sentidos acerca de cada uma dessas cidades que são compartilhados, nem sempre de modo voluntário, pelos pesquisadores de ambas as urbes. Em suma, um certo imaginário urbano se esconde por trás das trajetórias investigativas daqueles que estudam tais cidades.
- ⁵ Nas próximas páginas, o leitor terá como aproximar-se ao menos um pouco desse senso comum. Ou melhor, de indícios específicos dele: justamente aqueles que se evidenciam

pela mediação do modo mais ou menos explícito como cada um dos autores enfrentou a pergunta específica que animou o Simpósio do qual resultou o presente dossiê. De fato, se alguns textos enfrentam abertamente o questionamento proposto, outros o fazem de maneira bem menos direta, às vezes apenas de modo tácito. Ademais, São Paulo e Cidade do México aqui comparecem sobretudo a partir dos vínculos *investigativos* dos autores com essas urbes, e não tanto de suas trajetórias pessoais. Nesse sentido, aliás, a questão específica deste dossiê só se encontra parcialmente respondida.

- 6 Mas nada disso impede a identificação de pistas acerca do senso comum em questão. Foi no intuito de potencializar tal reconhecimento por parte do leitor que optamos por encadear os quatro textos “paulistanos” e os três “*defeños*” numa estrutura narrativa que convida o leitor para uma viagem pendular por espaços distintos, em geral públicos, entre São Paulo e a Cidade do México. Iniciando o seu percurso na esquina de um bairro central paulistano, o leitor é conduzido, pela mediação da diversidade de tempos históricos que marca a modernidade nessa cidade (Martins), até as periferias do DF, utilizadas como prisma investigativo para a compreensão dos dilemas de governabilidade que vive essa metrópole (Nivón). E eis que é hora de retornar a São Paulo, mas agora no rastro dos usos de praças centrais e shopping centers vários, mas também de centralidades, periferias e mais uma vez o centro, só que, agora, um bairro específico: tudo com o objetivo de apreender antropológicamente “a cidade” (Frúgoli Jr.). Até que entrem em cena espaços públicos outros: uma tipologia deles, de fato, numa Cidade do México plena de *pueblos*, *barrios*, *colonias populares* e *residenciales*, e que vêm sendo explorados no intuito de relativizar a unicidade implícita na abstração teórica “espaço público”, na pesquisa urbana (Portal). Na sequência, mais uma volta às ruas e praças centrais de São Paulo. Porém, para evidenciar como o tempo atua ali, ao mesmo tempo que o espaço impacta o tempo – da e na cidade, da e na pesquisadora (Frehse). É, por sua vez, pela mão do público de cinema em transformação que o leitor aporta no DF pela última vez: o intuito é apreender a experiência urbana que transformações nas regras de uso das salas ao longo do tempo revelam (Mantecón). E a viagem tem como se encerrar “de perto e de dentro” de uma São Paulo percorrida etnograficamente de norte a sul, da periferia ao centro de mãos dadas com uma outra tipologia, ainda, só que agora de lógicas de uso e ocupação da cidade como metrópole (Magnani).
- 7 Sem querer aqui antecipar as conclusões a que cada leitor terá como chegar por conta própria, acerca do imaginário urbano em questão, ao lançar-se na viagem que lhe propomos nas próximas páginas, o que gostaríamos, antes de encerrar estas linhas, é de compartilhar brevemente algumas indicações que possam quiçá lhe servir como eixos possíveis de leitura.
- 8 Em primeiro lugar, o conjunto dos textos sinaliza para duas megacidades que são assumidas, ao menos pelos pesquisadores aqui reunidos, como laboratórios de pesquisa qualitativa privilegiados para a iniciação em e o desenvolvimento de reflexões teóricas sobre temáticas das ciências sociais em geral: modernidade, cidade, espaço público, tempo e espaço, público, metrópole, cidadanía. Evidentemente tais ênfases investigativas não se explicam pelo mero viver em uma ou outra urbe. São fundamentais a formação e a vinculação acadêmica a pesquisadores e instituições universitárias com tradição na realização de pesquisas empíricas de cunho qualitativo para fins teóricos ligados aos temas acima. É este claramente o caso das Ciências Sociais da USP e da Antropologia da UAM-Iztapalapa. Mas os textos aqui reunidos sugerem, ainda nesse sentido, que há mais em jogo: se a Universidade forma e incentiva, a cidade instiga. De fato, a leitura convida à

impressão de que, se é a pesquisa que incita a trajetos investigativos na e trajetórias de pesquisa sobre a cidade, é a cidade que convida a pesquisar.

- 9 Uma segunda característica da São Paulo e da Cidade do México construídas nos textos aqui reunidos é que se trata de urbes pensáveis como “todos” a partir de olhares qualitativamente informados que se concentram, em termos metodológicos, em espaços (Frúgoli Jr., Magnani), em espaços no tempo (Nivón, Portal, Mantecón) ou em tempos no espaço (Martins, Frehse). O que varia são os espaços e tempos de referência. Quanto aos primeiros, há espaços públicos de acesso irrestrito como ruas e praças (Martins, Frúgoli Jr., Portal, Frehse, Magnani); de acesso restrito, como salas de cinema e uma escola para surdos (Mantecón, Magnani); espaços habitacionais (Martins, Nivón) e muitos lugares, em centros e periferias (em todos os autores). Já quanto aos tempos, comparecem o tempo cronológico de séculos a anos (Nivón, Frehse, Mantecón), mas também as temporalidades da história (Martins, Frehse).
- 10 Um terceiro elemento que reconhecemos comum a ambas as megacidades implícitas neste dossiê é a multiplicidade grande de categorias e grupos sociais ali tematizados. Embora referenciadas nos diferentes textos, classes sociais são menos decisivas, em termos interpretativos, do que a diversidade de perfis humanos sobretudo nas ruas e praças investigadas.
- 11 Uma quarta e última coincidência é que se trata de cidades exploradas por uma perspectiva sociocultural de densidade histórica e atenção à dimensão local. Há nos textos uma aposta na renovação de nossos olhares sobre a reconfiguração do que é público, no mundo urbano, a partir de contextos sociais, políticos e culturais inusitados; uma busca por transcender as abordagens do fenômeno urbano por demógrafos e economistas, que tradicionalmente deixam de fora os aspectos culturais, as experiências cotidianas do habitar e do uso dos espaços públicos, e as representações que os habitantes e usuários fazemos, respectivamente, dos espaços habitados e públicos. Cabe recordar que tanto no México quanto no Brasil só nos anos 1980 a dimensão cultural foi incorporada nos estudos de ambas as cidades. Nesse mesmo sentido, todos os autores partilham da busca por uma renovação e reposicionamento das reflexões antropológica e sociológica sobre as cidades contemporâneas animados tanto por argumentos como o da necessidade de que se desenvolva não apenas uma antropologia *na* cidade, mas também *da* cidade (Durham 1986:13), quanto pela proposta de que o antropólogo reinvente sua profissão nas megacidades: estudando as pequenas e grandes histórias, bem como não “repetir uma concepção aldeã dos processos sociais” e “transcender as comunidades locais, a fim de participar na redefinição das cidades e de seu lugar em redes transnacionais” (Canclini 1994:29). Por tudo isso, este dossiê atribui uma importância-chave à análise do local, evidenciando o caráter culturalmente plural, múltiplo de ambas as metrópoles, em suas conexões com o nacional e o global.
- 12 Justamente por estar marcado por tais características, o imaginário urbano que os sete textos evidenciam oferece ao leitor uma surpresa insuspeitada: as duas megacidades comparecem aqui com mais afinidades do que diferenças. E assim retornamos às primeiras linhas desta Introdução.
- 13 Em meio ao tanto que une, o que separaria a São Paulo e a Cidade do México das trajetórias investigativas dos autores aqui reunidos? Certamente as presenças indígenas - mais ou menos importantes em termos demográficos e políticos; e um poder público mais ou menos comprometido com a vida cotidiana ao menos no centro das respectivas cidades.

- ¹⁴ Parece pouco? Não é. Pois por trás desses elementos, que o imaginário urbano também trata de unir, variando apenas suas proporções, o que se esconde é toda a imensa diversidade demográfica, espacial e temporal que caracteriza a realidade empírica de cada uma dessas duas megacidades.
- ¹⁵ E eis que se reabre espaço investigativo para outras diferenças. Mais comparações. Porém, a partir agora, quem é convidado a estabelecê-las é o próprio leitor.
-

BIBLIOGRAPHY

- BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. 2010. “Horizontes das ciências sociais: Pensamento social brasileiro”. In: Martins, Heloisa Helena T. de Souza (org.), *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia*. São Paulo: Barcarolla/Discurso Editorial, pp. 475-496.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. 1988. “A sociedade vista da periferia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.1.
- CANCLINI, Néstor García (org.). 1994. *Los nuevos espectadores. Cine, televisión y video en México*. México: IMCINE/CONACULTA.
- UNITED NATIONS (Department of Economic and Social Affairs – Population Division). 2015. *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision*. (ST/ESA/SER.A/366). <http://esa.un.org/unpd/wup/Publications/Files/WUP2014-Report.pdf>. Acesso em 08/02/2016.

NOTES

1. Aproveitamos a ocasião para expressar nossa gratidão a Paulo Vassily Chuc, então adido cultural da Embaixada do Brasil no México, pelo entusiasmo com que acolheu institucional e financeiramente o projeto do Simpósio, na ocasião.
2. Cf. informações sobre o Seminário Internacional “As Ciências Sociais no Brasil e no México” em <http://sociologia.fflch.usp.br/node/982>. Acesso em 08/02/2016.
3. Cf. informações sobre o III Encuentro de Antropología México-Brasil EMBRA em <http://www.bialabate.net/news/iii-encuentro-de-antropologia-mexico-brasil-embra-ciesas-occidente-guadalajara>. Acesso em 08/02/2016.
4. Cf. informações sobre o Seminário Inaugural do Projeto Comparativo São Paulo-Cidade do México em <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-especiais-anteriores/sao-paulo-e-cidade-do-mexico-velhos-e-novos-atores>. Acesso em 08/02/2016.
5. Cf. informações sobre o Primer Encuentro entre Antropólogos Brasileños y Mexicanos em <http://www.uff.br/ineac/?q=i-primer-encuentro-entre-antropólogos-brasileños-y-mexicanos>. Acesso em 08/02/2016.

AUTHORS

FRAYA FREHSE

Departamento de Sociologia – USP

ANA ROSAS MANTECÓN

Departamento de Antropologia – UAM-Iztapalapa